

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

# humanitas

Vol. LXII



COIMBRA  
2010

seu amigo, no exílio, o pedido de informações acerca da fé e dos costumes do Preste João.

A segunda obra de Damião de Góis é a versão para português do *Livro de Marco Tullio Ciceram chamado Catam maior, ou da velhice, dedicado a Tito Pomponio Attico* (Veneza, 1538). Ao fac-simile (pp. 125-206), segue-se a fixação do texto latino por Miguel Pinto de Meneses e a fixação do texto goesiano por Manuel Cadafaz de Matos (pp. 214-299) bem como um capítulo com as anotações do próprio Damião de Góis (pp. 303-313) e outro com mais amplas notas à edição veneziana, da autoria de Manuel Cadafaz de Matos (pp. 315-331).

O *Liber Ecclesiastes* ocupa o terceiro lugar (pp. 333-504) e foi o que mereceu, da parte do actual editor, tratamento mais desenvolvido. Além do fac-simile da tradução e comentário de Damião de Góis (a partir, no essencial, da edição de 2002 de T. Earle, *O livro de Ecclesiastes*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, como o próprio Cadafaz de Matos indica, na p. 333) e da fixação do texto latino sempre por Miguel Pinto de Meneses, o leitor encontra ainda, em fac-simile, um curioso documento: o texto do *Liber Ecclesiastes* na edição da *Bíblia Poliglota* de Alcalá (1517), Tomo III, na qualidade de “Antecedente histórico-editorial” da versão de Damião de Góis, um complemento que, pela sua raridade e importância científica na história da transmissão dos textos, muito vem valorizar o volume.

Manuel Cadafaz de Matos é o responsável pelas amplas notas de fim de capítulo, que proporcionam, com vasta erudição, o enquadramento histórico-cultural das obras apresentadas.

Uma Corrigenda final não foi infelizmente suficiente para corrigir algumas imprecisões gráficas, compreensíveis numa obra de mais de 500 pp.

Não se trata, de modo algum, de uma obra de divulgação. Trata-se, pelo contrário, de uma obra altamente especializada, para público ligado à investigação científica, seja no domínio da filologia pura ou da crítica textual, seja no domínio da história da língua, da historiografia, da literatura ou da exegese bíblica. Mesmo assim, o livro não deixa de suscitar algumas estranhezas metodológicas, próprias talvez da diversidade de proveniência dos documentos que publica. Causa alguma estranheza, por exemplo (pois as razões não são óbvias para o leitor), editar na íntegra o texto da *Legatio*, mas traduzir apenas dois documentos; ou anunciar (quer no próprio título, quer na p. xiv) que este volume facultará “aos leitores de Damião de Góis (...) cada edição *princeps* das suas obras”, e deixar para nota de rodapé (p. 332), despercebida aos leitores mais incautos, a informação de que “quase

todos os textos latinos (...) foram [afinal] vertidos para a língua portuguesa (...) a partir da edição *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscyla quae in Hispania Illustrata continentur*. Conimbricae. Ex typographia academico-regia, MDCCLXXXI; ou ainda anunciar, no título, “Leitura *diplomática* e versão portuguesa” e apresentar, ao longo da obra, pra a “fixação do texto” de Miguel Pinto de Meneses, ora a “edição crítica” de Amadeu Torres, (os dois exímios latinistas chamados à colaboração com este projecto). O que se entende pois por leitura *diplomática*? Quais os critérios editoriais para esta “fixação do texto”? Ainda que existam respostas para estas questões, elas não se afiguram óbvias ao leitor, dada a aparente contradição entre as fontes de informação principais, como são a capa e a página do título, e os conteúdos apresentados ao longo do livro.

Da articulação interna das diversas partes do livro esperar-se-ia maior coerência, e da introdução a cada uma das obras apresentadas, maior clareza, de modo que o leitor ficasse rigorosamente informado da natureza de cada documento e respectiva proveniência. Quanto aos originais traduzidos, eles em nada desmerecem a elevada qualidade do trabalho de tradução, digno, aliás, de maior visibilidade, tendo em conta a actual escassez de leitores e tradutores de latim. Na verdade, o Dr. M. Pinto de Meneses ofereceu ao panorama editorial português a tradução do latim de diversas obras de particular interesse cultural, cuja publicação se tem devido, em parte, à generosa actividade impulsionadora de Manuel Cadafaz de Matos e do CEHLE.

MARGARIDA MIRANDA

*Obras de Damião de Góis*, Vol. II (1539-1540). O fascínio do Oriente e a aproximação à Europa do Norte. Fac-símile de cada edição deste período. Leitura diplomática e versão portuguesa por Miguel Pinto de Meneses. Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) IX, 2006, vol.2, 566 pp. ISBN 972-9366-27-6.

Quatro anos depois do vol.1, saiu dos prelos o vol. 2 das *Obras de Damião de Góis* (1539-1540), com a chancela do Centro de Estudos de História do Livro e da Edição.

Cumpra-se assim, volume a volume, o desígnio celebrativo iniciado em 1502, com que se assinalou o V centenário natalício do humanista português “mais cosmopolita e multifacetado da era de quinhentos”, conjugando numa só obra colação textual, registo de fontes, fac-simile, tradução para vernáculo e abundante anotação histórico-filológica.

Tal como se procedeu no vol. I, antes das obras de Damião de Góis propriamente ditas (após uma Apresentação do volume por Amadeu Torres, e um estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos) são publicados dois poemas dedicados a Damião de Góis, com fixação do texto latino e versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses: um epitalâmio pelo seu casamento com Joana van Hargen e um genethlaco pelo nascimento de seu filho Manuel (pp. 1-11).

A primeira obra de Damião de Góis publicada neste volume são os *Commentarii Rerum Gestarum in India*, cuja primeira edição, em 1539, em Lovaina, se deveu a Rutgerus Rescius. Mais uma vez, no entanto, o leitor tem que retomar certas questões, já presentes no vol. I, para as quais as respostas não são óbvias. Se o título do presente volume anuncia não já o *fac-simile de cada edição princeps deste período* (como no vol. I) mas apenas o *fac-simile de cada edição deste período (1539-40)*, e, no mesmo sentido, o autor da introdução confirma explicitamente, na pág. xiv, a publicação da obra de 1539 em fac-simile, não é claro para o leitor que na p. 15 surja não um mas dois títulos: “*Commentarii Rerum Gestarum in India* (...) Lovaina, ex officina Rutgerii Rescij, 1539”, seguido de “Nova edição: *Diensis nobilissimae Carmaniae sev Cambaiae vrbis oppugnatio*. Lovaina, ex officina Rutgerii Rescij, 1544 (inserida na edição dos *Opuscula*)”

Mereceria também alguma explicação o título da p. 27 “*Diensis nobilissimae Carmaniae sev Cambaiae vrbis oppugnatio (1539)*, Lovaina, 1544. Fac-simile”. Neste caso, parece tratar-se afinal, não de um fac-simile de cada *edição* deste período (1539-1540) mas antes de cada *obra* deste período, já que se apresenta uma edição de 1544 de uma obra que é de 1539. A perplexidade, porém, mantém-se quando lemos, na 1ª nota de rodapé da p. 73, que o texto latino da edição bilingue (pp. 73-144) não é o da edição de 1539 nem de 1544 mas sim de 1791. Enquanto no título daquela página se lê “Texto latino e versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses”, a nota de rodapé informa que o texto latino foi “fixado pelo impressor da tipografia da Universidade de Coimbra em 1791” e “seguido pelo Dr. Pinto de Meneses na sua tradução”. Além desta contradição, o leitor é informado de que “por [aquele texto de 1791] apresentar (...) diversas *nuances* que

não constam da edição *princeps* respectiva, de 1539, (...) apresenta-se aqui, também, o texto em fac-simile da aludida primeira edição quinhentista desta obra de Damião de Góis”. Qual é afinal o texto editado, pergunta-se. E a que é que correspondem essas *nuances*? Se a introdução e as notas se destinavam a esclarecer o leitor sobre o propósito e a natureza da edição, dificilmente elas cumprem esse objectivo.

No final da edição bilingue dos *Commentarii*, ou seja da *Diensis... oppugnatio* encontra-se um pequeno estudo de M. Cadafaz de Matos intitulado “Em torno da pequena obra de Damião de Góis *De rebus et Imperio Lusitanorum ad Paulum Jovium disceptatiuncula* (1539): algumas questões colaterais e outras a considerar”, cuja utilidade aumentaria se aparecesse antes do fac-simile, juntamente com a respectiva introdução, e não depois. Assinale-se, no entanto, o seu curioso interesse científico e relevante interesse bibliográfico, como, de modo geral, de todos os trabalhos de M. Cadafaz de Matos.

De Damião de Góis, seguem-se, nas pp. 159-417, o pequeno tratado *Fides, Religio, Moresque Aethiopum*, sobre a fé, religião e costumes dos Etíopes (Lovaina, 1540) bem como a *Deploratio Lappianae gentis* (pp. 445-475), sobre a cristianização na Suécia e na Lapónia, que o humanista incluiu na última parte de *Fides, Religio Moresque Aethiopum* mas que aqui recebeu tratamento individualizado. Uma e outra obra vêm acompanhadas da edição (e tradução) de outros textos considerados fontes para a respectiva produção, bem como de estudos científicos sobre os seus antecedentes históricos e a acção política externa de D. Manuel, todos eles ilustrados com variadíssimas imagens, seja de livros, seja de mapas, retratos e gravuras da época.

De ambas se dá a público o fac-simile da edição *princeps*, de 1540, seguido da edição bilingue com a meritória versão portuguesa de Miguel Pinto de Meneses. Como é indicado pelo director do projecto (pp. 253 e 455), o texto latino da edição bilingue segue, uma vez mais, a edição da Universidade de Coimbra de 1791, *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscula quae in Hispania Illustrata continentur*.

Fica assim por esclarecer qual é a edição diplomática anunciada (no título do volume e na p. 157), visto que, nas edições bilingues, Miguel Pinto de Meneses, além de autor da versão portuguesa, é apresentado como autor da fixação do texto latino. De facto, se Pinto de Meneses se baseou na edição setecentista da Universidade de Coimbra (que por sua vez reproduzia a *Hispania Illustrata*, de 1603), isso não o impediu de proceder (em boa

hora) às necessárias correcções textuais, quer por via da tradução quer da fixação do texto latino, poupando pelo menos o leitor à arbitrariedade da grafia quincentista.

Ressalvadas estas questões, é da mais elementar justiça frisar a importância deste projecto editorial, no seu conjunto, para o conhecimento da obra literária e historiográfica de Damião de Góis. Todos poderemos assim dispor de acesso a um vasto conjunto de fontes da História de Portugal e da Europa, tornadas cada vez mais raras e incompreensíveis, e por isso subestimadas por certos historiadores que, como escreveu Amadeu Torres, se encostam a juízos alheios. Essa mercê é devida à erudição e magnanimidade do Prof. Cadafaz de Matos.

MARGARIDA MIRANDA

ORAZIO, *Tutte le Opere, Odi, Epodi, Carme secolare, Satire, Epistole, Arte poetica*, a cura di Abbate, Mario Scaffidi, Ghiotto, Renato e Abbate, M. S. trads., Testo latino a fronte Edizione integrale, Grandi Tascabili Economici Newton, Roma, 2006, (1ª ed. 1992) 511 pp., ISBN 88-8289-702-8

Este volume propõe-se reunir toda a produção poética de Horácio, figura grada das letras latinas e da cultura ocidental, numa edição acessível, destinada ao grande público. O seu promotor, Mario Scaffidi Abbate, é um nome popular no meio intelectual e culto italiano, poeta, até há pouco director da revista *Cultura*, conhecido pela sua facilidade de comunicação, diversidade de interesses e capacidade de tornar próximos, em linguagem renovada, os produtos maiores da cultura clássica. Assim, na mesma editora, foram dadas a conhecer as suas traduções da *Eneida*, as *Comédias* de Terêncio, diversos tratados de Séneca e de Plutarco, bem como algumas *Vidas* deste último. Estamos, pois, perante um autor e tradutor que tem assumido a tarefa de divulgar e de actualizar, de um modo explicitamente despretensioso, o interesse pelos autores clássicos, em particular naquilo que estes podem oferecer como mais-valias estéticas e literárias, mas também ideológicas, pedagógicas e morais, para a sociedade e a cultura contemporâneas.

O conteúdo, não obstante a aparência modesta da edição, é exaustivo: uma introdução, da autoria de Renato Ghiotto (pp. 7-15), traça uma panorâmica sobre os aspectos mais relevantes da vida de Horácio e apresenta

os motivos por que a sua obra literária permanece actual (p. 13): “Orazio è certo il poeta latino, da cui la cultura occidentale há raccolto il maggior numero di frasi ed espressioni, facendone sentenze o proverbi, luoghi comuni della conversazione. Alcune di queste frasi sembrano ovvie e non lo sono, altre sono state fraintese o intese diversamente col passare dei secoli”. De facto, muitas expressões são vistas como “património da cultura ocidental”, cada uma encerrando todo um programa de sentidos acumulados em séculos de pensamento humano, sem que seja imediata a recordação da sua matriz horaciana: *aurea mediocritas, carpe diem, nunc est bibendum, exegi monumentum aere perennius, Odi profanum uulgus, quandoque bonus dormitat Homerus, Eheu fugaces Postume, Postume, labuntur anni* para tornar presente alguns exemplos dos muitos citados nesta nota introdutória.

O autor faz sobressair o homem de contrastes que foi Horácio, entre a palavra e a acção, entre o campo e a cidade, entre o recolhimento reflexivo e o apelo da mundanidade. De nascimento modesto, aperfeiçoou os seus estudos em Atenas, mas conheceu a vida militar (pertencendo ao lado dos vencidos, na Batalha de Filipos, ironia que o autor não deixa escapar, ao assinalar, a propósito, que se outro fosse o desenlace da Batalha, não teríamos tido um poeta, mas um anónimo oficial de carreira). Saudoso de um mundo rural idealizado, de onde partira, não sabe viver noutra lugar que não no bulício da cidade, próximo e beneficiário dos poderosos, como Augusto e Mecenas. Assim “leggendolo, ci attira e ci trattiene il suo alone di ambiguità, il suo destino di eterno contemporaneo”. Está assim defendida e justificada a oportunidade de divulgar, no original e em tradução, a obra horaciana, já que esta é intrinsecamente contemporânea.

Segue-se uma Nota Biobibliográfica, com uma tábua cronológica rigorosa e objectiva, acompanhada de um sumário périplo pela transmissão do texto horaciano; a indicação das edições críticas actuais para cada uma das obras do autor, e os principais estudos sobre a obra do autor (p. 15-18). O objectivo é cumprido: por um lado, não se inunda o leitor de uma bibliografia exaustiva e labiríntica (como um autor como Horácio facilmente geraria), por outro lado, o leitor acolhe com prazer estes quantos títulos, válidos e sérios, com a segurança de que não o desviam de caminhos menos claros ou demasiado especializados.

Uma breve nota do coordenador (p. 19-20), em tom que torna perceptível o gosto e a angústia pela tarefa, explica Mario Abbate a sua aventura particular enquanto tradutor, ao longo de anos, do poeta Horácio: resume as duas tendências históricas de tradução dos metros clássicos para o Italiano,